

Il Mattino, 4 de outubro de 2015, p. 3

“Tenhamos confiança neste Papa, a família é homem-mulher, o Sínodo não se dividirá”

entrevista a Julián Carrón

por Antonio Manzo

“Confiem no Papa, tenhamos confiança no Papa. O Sínodo dos Bispos não é um tribunal instituído para julgar as periferias da humanidade contemporânea. É, pelo contrário, uma oportunidade para voltar a propor ao mundo a verdade da fé cristã através da liberdade. Não espero do Sínodo uma guerrilha entre doutrina e pastoral, mas a busca de novas modalidades para voltar a propor o anúncio de sempre da Igreja diante dos novos desafios da sociedade, a partir do acolhimento de quem sofre. É preciso acompanhamento por parte da Igreja, sem discriminações. Não são precisos muros, mas pontes, a fé deve socorrer o homem, sempre que ele estiver bloqueado por uma dificuldade ou um sofrimento, comunicando o acontecimento cristão que liberta”.

O Padre Julián Carrón conduz Comunhão e Libertação há dez anos, sucedendo a Dom Luigi Giussani. É um sacerdote espanhol de 65 anos que, até 2020, será o guia de um “povo de Deus” nascido na Itália mas agora espalhado por uns 90 países do globo. É filho de camponeses e, graças à sua genética, sabe bem que só se colhe o que se semeia. É o homem da reviravolta de CL: não ao Movimento braço da política, sim à recuperação da experiência cristã. É já tarde da noite quando, num hotel de Nápoles, ainda tem força e fôlego para se encontrar com os jovens da comunidade de CL da cidade.

Padre Carrón, sabemos como a Igreja saiu do Sínodo do ano passado, também dividida sobre temas fundamentais da vida e da família. Na sua opinião, serão superadas as divisões evocadas até mesmo por cardeais da primeira linha da Igreja?

“Nada será como antes depois da pregação americana do Papa Francisco, com a afirmação substancial do conceito de família como um dom. O Papa, dos Estados Unidos, e significativamente dos Estados Unidos, disse ao mundo que a família não é um motivo de preocupação, mas um dom para a sociedade. Como podem as famílias, com o seu testemunho e as suas vidas, despertar nos jovens o desejo de se casarem?”.

O Papa recupera para o debate no mundo o conceito de família...

“Recupera-o de forma positiva, não de forma dialética. Não faz dela objeto de lamentações, e não a trata como uma dificuldade a ultrapassar, mas insiste na beleza da família como possibilidade de um bem para todos”.

A Igreja continua a falar de uma família como na ordem da Criação, isto é, como união entre homem e mulher?

“Sem dúvida, não poderia fazer de outra forma. Aliás, discutir sobre a família e a sua missão na Igreja e no mundo parte do reconhecimento deste dado original. Mas nós, cristãos, devemos testemunhar o matrimónio mais como experiência de amor entre duas pessoas que se unem livremente para caminharem para o seu destino, e não como vínculo que limita, esmaga e por fim desilude. Muitas vezes ouço jovens que, apavorados, dizem: ‘Talvez seja melhor não me casar’, estão assustados. Precisamente por isso, somos chamados a anunciar Cristo como a resposta que vence o medo. O cristianismo é o convite para participar numa experiência onde se pode verificar que aquilo que é impossível aos olhos dos homens é possível a Deus”.

E na experiência concreta?

“A Igreja deve antes criar mais lugares para as famílias do que definir novas regras. Não há necessidade de alimentar polémicas doutrinárias sobre pontos firmes da tradição; a Igreja deve

acolher as famílias, ouvir as pessoas que têm dificuldade em encontrar um trabalho, em garantir um futuro aos filhos. Quem escuta hoje estas solidões existenciais? Este é o acontecimento dum cristianismo que se faz encontro e que ouve”.

O senhor deve lembrar-se de que, no relatório do Cardeal Kasper que introduziu o Sínodo há um ano, falava-se abertamente de uma crise do conceito de família em relação ao qual também a pastoral da família estava atualizada.

“A família faz surgir a consistência da fé das pessoas que se casam. A pergunta à qual é necessário responder é se a Igreja é capaz de oferecer aos casais, sobretudo aos que estão em dificuldades, um percurso de amadurecimento da fé. Por outras palavras, quem está atravessando um período de dificuldade encontra na Igreja portas abertas, ou apenas um julgamento que, muitas vezes, o exclui da vida da comunidade cristã?”.

Qual é a sua opinião?

“A Igreja deve abrir-se cada vez mais ao abraço dos limites humanos, também no que diz respeito à crise da família. Quando abraçamos os limites com a medida da fé, damos-nos conta do outro e da consistência do amor por ele”.

Até mesmo os cardeais mais prestigiados avisam: cuidado com o Sínodo, existe o risco dum cisma na Igreja.

“Não gostaria que fosse apenas um modo de desviar a atenção do problema, porque a Igreja é chamada a questionar-se sobre como apoiar a vida de cada pessoa e das famílias diante de todas as dificuldades”.

Existe uma divisão entre a doutrina e a pastoral neste debate pré-sinodal?

“No cristianismo não pode existir divisão entre doutrina e pastoral, porque o cristianismo é a irrupção de Deus na história, um evento graças ao qual os conceitos, isto é, a doutrina, se tornam carne e sangue, como dizia Bento XVI, se encarnam na experiência humana. Como quando Jesus vai à casa de Zaqueu. A sua presença divina realiza um abraço que resgata e faz nascer nele o desejo de mudança. Jesus não impõe àquele homem que ele mude, mas suscita o início duma vida nova. Não basta uma doutrina, porque o Verbo se fez carne, ou seja, vida que traz consigo o conteúdo da fé”.

Portanto, são apenas debates entre teólogos e isso basta?

“É uma falsa dialética. No cristianismo, a Palavra, o Verbo de Deus, torna-se carne, isto é, realidade; Jesus comia e bebia e comovia-se com o amigo Lázaro”.

Disse ainda o Cardeal Kasper: se a doutrina permanecer firme, adequamos a pastoral.

“A tentativa de tornar mais adequada aos tempos a comunicação da fé foi o grande tema do Vaticano II. E este não é um problema de estratégia pastoral; a questão é entender a própria natureza do cristianismo, para poder comunicá-lo de modo compreensível aos nossos contemporâneos. É um acontecimento, não apenas uma doutrina. Alguns jovens universitários italianos encontraram-se recentemente com colegas chineses que, no final desta experiência, reconheceram que o cristianismo levado a sério é uma proposta da qual jorra a vida, e não uma série de ritos”.

O diálogo com o mundo da homossexualidade: qual percurso de diálogo?

“Cristo não veio para alguns, mas para todos. Deu a vida por todos, para que todos possam fazer um percurso humano. O diálogo é com todos, porque todos precisam ser acompanhados. As perguntas sobre o sentido da vida, sobre o bem e sobre aquilo que está certo dizem respeito às pessoas

homossexuais e às heterossexuais. O problema é: como é que a Igreja pode acompanhar cada um no caminho da vida que, às vezes, toma rumos que não levam a lado nenhum?”.

O Sínodo irá reconhecer os casais gays?

“Sobre isso a doutrina tradicional é muito clara. Mas isto não quer dizer discriminar as pessoas. A Igreja deve abraçar os homossexuais enquanto pessoas, como faz com qualquer um”.

A castidade ainda é um valor no sacerdócio da Igreja católica, mesmo à luz da atualidade?

“Certamente. Agora mais do que nunca”.

Abre-se caminho para os sacramentos aos divorciados?

“O Papa decidiu simplificar os processos canônicos sobre a nulidade matrimonial. O tema da Comunhão aos divorciados recasados é uma matéria delicada, e os padres saberão usar toda a inteligência da fé para a enfrentar”.

Não existe o risco de que a teologia do povo do Papa se transforme em populismo teológico?

“O Papa não é um populista, como alguns às vezes o consideram. Ele tem um grande sentido do povo, mas não o usa com um objetivo ideológico, instrumental, porque o bem de cada pessoa é muito caro para ele”.

Na sua opinião, o que o Papa quereria hoje de Comunhão e Libertação?

“Aquilo que nos disse no dia 7 de março passado. Isto é, para sermos fiéis ao carisma de Dom Giussani, que nos comunicou a fé como pertinente às exigências da vida. E que nos pediu para vivermos o carisma até ao fundo, para sermos verdadeiramente uma ‘Igreja em saída’. E só podemos fazer isto se estivermos enraizados em Cristo, sem ficarmos na soleira, vítimas da autorreferencialidade”.

Na sua opinião, houve em algum momento da história de CL infidelidade ao carisma?

“Devido aos erros dos homens, sim. Ao longo do nosso caminho, Dom Giussani sempre nos interpelou e corrigiu, tal como Jesus corrigiu os discípulos”.

O que é que o Papa censurou a Comunhão e Libertação?

“Falou-nos com extrema paternidade, com as mesmas palavras que, por exemplo, utilizou para com os bispos americanos, convidando à conversão missionária, a ‘descentrar-se’ para comunicar Cristo, porque de outra forma a Igreja adoece”.

Existe em CL um regresso à espiritualidade? Ou existirão ainda mais obras?

“Espiritualidade e obras não se colocam em alternativa. Nós queremos um CL que tenha a ver com tudo, até com o ‘comer e o dormir’, como diz São Paulo. As obras podem responder às necessidades do homem, não são uma coisa reprovável. Claro, é preciso evitar os erros, que são possíveis em toda atividade humana”.

Quais são as degenerações em Comunhão e Libertação?

“Quando prestamos mais atenção a ocupar espaços e ao sucesso do que ao homem. Por um lado, toda ação é um risco. Mas seria ainda mais grave não fazer para não arriscar. Por outro lado, o primeiro risco foi Deus quem o correu, criando-nos como homens livres”.

E no que respeita à política?

“A aposta de CL é gerar adultos capazes de se envolverem na vida pública. A responsabilidade é pessoal e, portanto, cada qual, em qualquer atividade, responde pelo que faz”.

Houve alguma confusão?

“Quando me dei conta de algum desvio, aponte-o. Nós temos dificuldade em reconhecer os nossos erros; se amarmos mais a verdade do que a afirmação de nós mesmos a qualquer custo, podemos sempre recomeçar”.

A Igreja italiana está ainda desconcertada depois da eleição de Bergoglio?

“Desconcerto, se quisermos defini-lo assim, houve em toda a parte, e não apenas na Itália. Mas desconcerto providencial. O Papa introduziu uma bela novidade que sacudiu a todos. O seu apelo é um apelo salutar, para nos metermos em campo e irmos ao encontro da humanidade que nos espera fora das nossas igrejas, onde também nós, cristãos, vivemos e trabalhamos, nos alegamos e sofremos, como toda a gente”.

Quantos Cardeais já se arrependeram de terem votado Bergoglio?

“Talvez haja quem tenha ficado surpreendido por não ter previsto a novidade de um Papa que os Cardeais foram buscar ‘quase no fim do mundo’, como disse na noite da sua eleição. Mas isto acontece todas as vezes que uma personalidade se impõe e nos pede uma mudança radical, como o Papa está fazendo para nos centrar novamente em Cristo, para que não tenhamos medo de Cristo, de dizer quem é Cristo ao homem de hoje”.